



Diacronia da ocupação do Convento *Corpus Christi*, Vila Nova de Gaia

Helena Marçal*

Palavras-chave

Convento de Corpus Christi, Vila Nova de Gaia, ocupação.

Keywords

Corpus Christi Convent, Vila Nova de Gaia, occupation.

Resumo

O presente artigo foi elaborado na sequência da intervenção arqueológica efectuada no Convento Corpus Christi (Vila Nova de Gaia) em 2008 e 2009, pela empresa Arqueologia e Património, no âmbito do projecto de recuperação/restauro do dito edifício.

Os trabalhos realizados, permitiram a detecção de um conjunto de estruturas e diverso espólio (nomeadamente cerâmico) testemunhos das vivências no espaço conventual. Mediante estes elementos e a documentação consultada, tentámos delinear as sucessivas transformações ocorridas neste espaço.

Abstract

This article was prepared following the archaeological intervention conducted in Corpus Christi Convent (Vila Nova de Gaia) in 2008 and 2009, by the company Archaeology and Heritage, as a result of the building recovery project of the building.

The work done allowed the detection of a diverse set of structures and assets (especially ceramic) testimonies of experiences in the convent. Through these elements and the literature reviewed, we tried to delineate the successive transformations in this space.

* Arqueóloga (Empresa - Ricardo Teixeira & Vitor Fonseca, Arqueologia e Património, Lda).

1. Introdução

O Convento de Corpus Christi localiza-se no largo de Aljubarrota, na freguesia de Santa Marinha, concelho de Vila Nova de Gaia.

A intervenção arqueológica foi efectuada pela empresa Arqueologia & Património no âmbito do projecto de recuperação/reabilitação do imóvel em questão, que por se encontrar em vias de classificação¹ condicionou as obras à execução de um plano de trabalhos arqueológicos.

Os trabalhos desenvolveram-se em 3 fases. Em 2008 realizaram-se sondagens prévias de avaliação, dirigidas por Ana Maria Oliveira. Em fase de obra o acompanhamento (Novembro de 2008 a Janeiro de 2009) e posteriormente a intervenção na ala nascente do conjunto conventual (Novembro e Dezembro de 2009), trabalhos dirigidos pela signatária.

No presente artigo pretende-mos dar a conhecer o espaço conventual por nós intervencionado.

2. Enquadramento histórico

O Convento de Corpus Christi ou Convento de S. Domingos das Donas de Vila Nova de Gaia deveu a sua fundação a Dona Maria Mendes Petite. Junto de suas casas na zona ribeirinha de Gaia, encetou a construção de “um amplo edifício adequado a mosteiro, com os devidos claustros e indispensáveis celas” (CampoBello, 1938:10). Seguidamente “contratou maior número de operários para dar princípio à Igreja anexa” (CampoBello, *op.cit.*:11). As obras terão terminado em 1345, tendo a fundadora dotado o convento de avultados bens.

Conflitos com o Bispo do Porto adiaram sucessivamente o início da vida conventual, até 1354, quando as primeiras religiosas vindas do convento de S. Domingos de Santarém se instalaram no espaço, regendo a sua vivência segundo a regra dominicana.

O convento, não parece ter possuído ao longo da sua existência recursos económicos abundantes. Apesar de ter beneficiado de doações



Figura 1. Localização do convento de Corpus Christi, C.M.P. N.º122.

¹ Procedimento prorrogado até 31 de Dezembro de 2011 pelo Despacho n.º 19338/2010, DR, 2.ª série, n.º 252 de 30 de Dezembro.

régias de D. Duarte, D. Afonso V, D. Fernando e D. Leonor Teles, os seus principais dotadores foram a fundadora e seus familiares.

Desde a sua fundação, o convento sofreu as consequências da proximidade do rio Douro. Em inúmeras ocasiões as cheias impediram a utilização da Igreja, afectaram dormitórios, claustro e cerca. Provocando problemas estruturais e elevados custos em reparações que abalam as precárias finanças das religiosas. Em 1625 “a cheia foi de tal violência que cobriu a Igreja, dormitórios e claustro” (Ferreira-Alves, 1984:244).

Dos finais do séc. XVII, chegam-nos relatos de grandes obras que alteraram profundamente o espaço conventual. Em 1675 inicia-se a construção de uma nova igreja, com assinatura do Padre Pantaleão da Rocha Magalhães. Mais distanciada do rio, com planta centralizada octogonal e dimensões reduzidas, motivadas pelas dificuldades económicas do convento e pelo reduzido espaço, onde foi edificada. Na horta, numa zona elevada, na faixa sul do terreno, que para tal foi terraplanado.

Entre 1677-1680, são construídos os coros (de baixo e de cima) e sacristia. Sucedem-se obras no refeitório e varanda do claustro. Ainda no final do século as religiosas pedem ajuda financeira ao Bispo para a construção de um dormitório e enfermaria.

No século seguinte, são construídos novos dormitórios e efectuadas obras nos antigos, devido ao aumento do número de residentes (religiosas, senhoras laicas e criadas).

No século XIX, conhecem-se registos da construção de novos armazéns para armazenamento/preparação de vinhos, e de concertos nos antigos. Estes funcionavam como fonte de rendimento para as religiosas, pois eram alugados às companhias vinícolas.

Com a promulgação da lei de extinção das ordens religiosas adensam-se os problemas financeiros e de manutenção do espaço, para

evitar a sua aniquilação, em 1882 é reactivada a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Gusmão.

Em 1894, com a morte da última religiosa, o convento é extinto e o estado toma posse do imóvel. Inicia-se uma nova etapa para o espaço conventual. Sendo alvo inúmeras intervenções, presentemente pouco resta do antigo convento.

O seu estado ruinoso, conduziu nas primeiras décadas do século XX à demolição de diversos espaços. O antigo claustro, refeitório, sala do capítulo, armazéns, dormitórios e diversas dependências (oficinas, botica, enfermaria) desapareceram. Parcialmente intactos parecem manter-se a ala nascente (antigo dormitório do pátio), a Igreja, coros e a casa do Monte.

No espaço conventual nasceram assim, novas construções, tendo as antigas sido adaptadas às diversas funcionalidade que desempenhou. Aqui funcionou uma escola primária, o Instituto de Reeducação do Bom Pastor para a educação de raparigas, companhias de bailado, cursos de formação. Actualmente parte, do edifício é ocupado pela Gaiurb, por áreas museológicas, lojas e estação de correios.

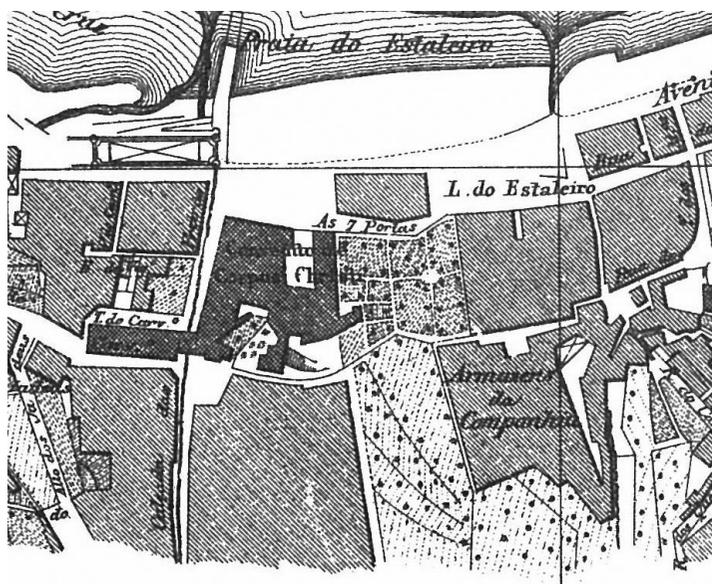


Figura 2. Pormenor da Planta topográfica da cidade do Porto de Augusto Telles Ferreira, 1892.



Figura 3. Convento de Corpus Christi anos 30.



Figura 4. A ribeira de Gaia e o convento, 1940 (placar da Reitoria da Universidade do Porto, Instituto Português de Fotografia).



Figura 5. O Convento Corpus Christi e a sua envolvente, 2011.



Figura 6. Fachada do convento após reabilitação.



Figura 7. Ala poente.



Figura 8. Ala Nascente.



Figura 9. "Claustro" após reabilitação.



Figura 10. Parede Sul do Convento.

3. Trabalhos arqueológicos

Os trabalhos efectuados durante a fase de obras consistiram no acompanhamento da abertura de valas para a colocação de infra-estruturas de saneamento, águas pluviais e electricidade. Desmonte de paredes, abertura de vãos e decapagem. Os trabalhos desenvolveram-se em diversos espaços do convento. A cada uma das valas foi atribuída um número, seguindo a sequência iniciada na fase das sondagens prévias.

Posteriormente foi executada uma intervenção arqueológica na ala nascente, cujos trabalhos consistiram na realização de cinco sondagens.

3.1. Acompanhamento

3.1.1. Vala 15

Localiza-se na faixa Oeste do terreno. Atravessa o quintal e um edifício construído no séc. XX, que terá servido para apoio e criação de animais.

A abertura da vala foi acompanhada pela demolição de um pequeno edifício anexo e desaterro do espaço exterior, quintal.

A estratigrafia, no interior do edifício revelou depósitos associados à sua construção, e sucessivos aterros, sob os quais foram detectados pequenos muretes em tijolo "burro" e um pavimento em granito.

No quintal, foram retirados cerca de 1,50 m a 2 m de sedimentos relacionados com o nivelamento do espaço, que colocaram a descoberto uma conduta e um muro em granito, com orientação S-N, no qual assenta o muro da cerca.

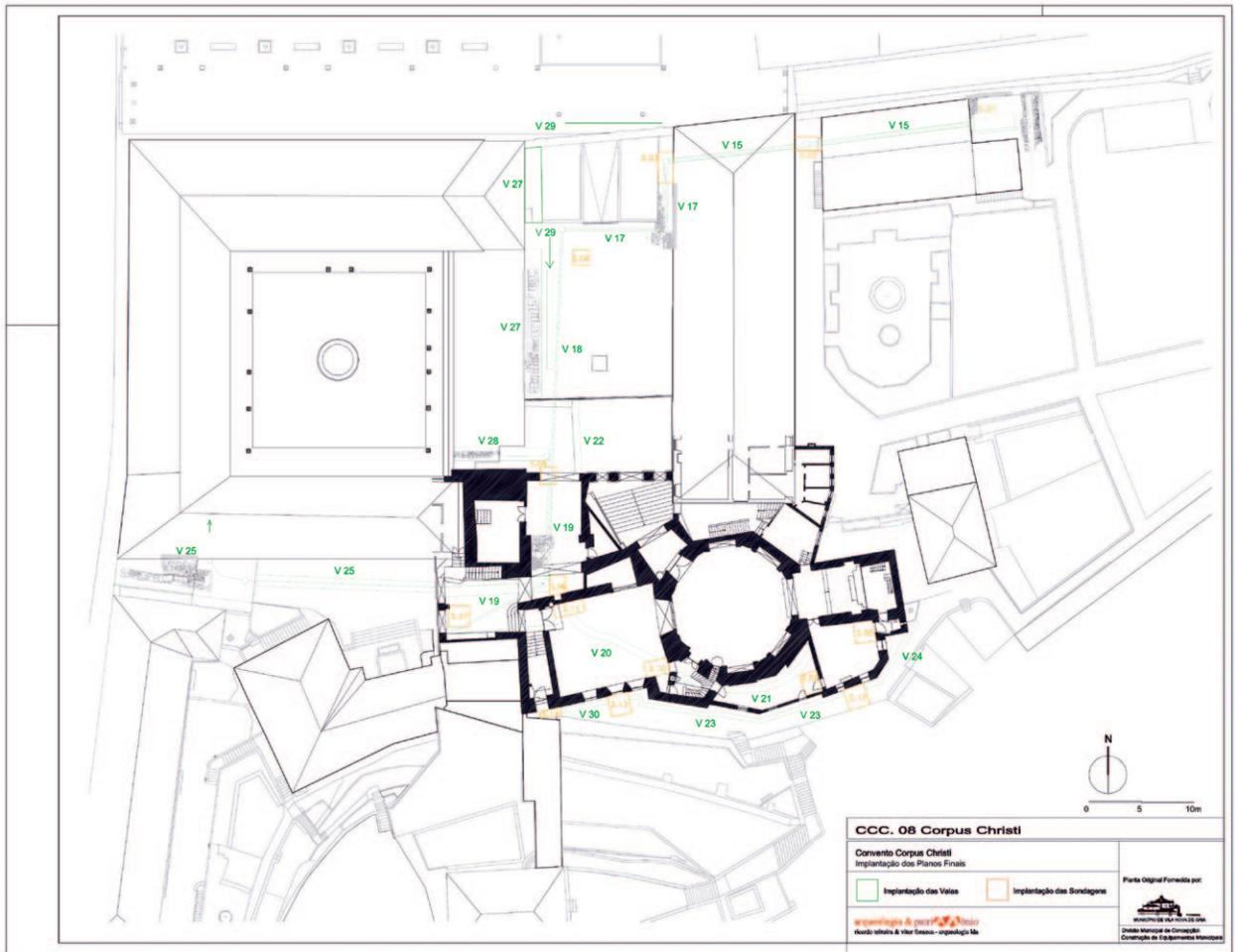


Figura 11. Planta com implantação das valas.

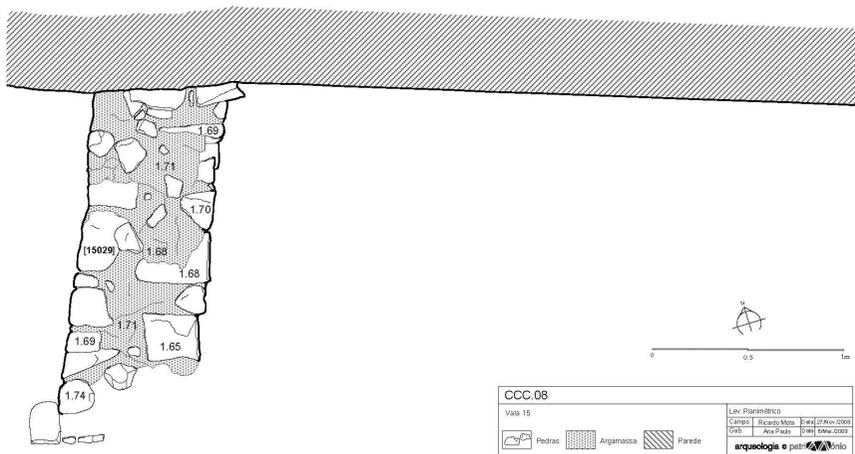


Figura 12. Estrutura (15029) vala 15.



Figura 13. Canalização da vala 15.

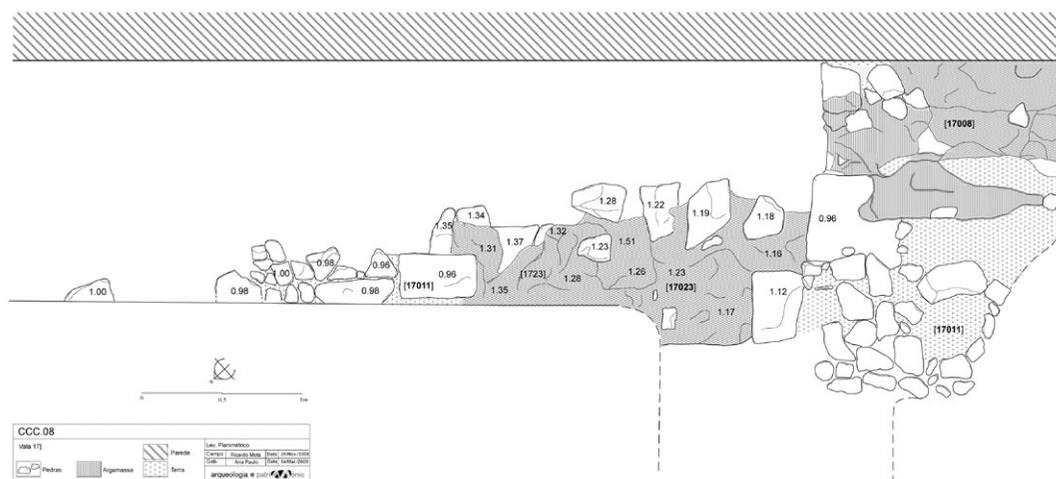


Figura 14. Plano final da vala 17 após levantamento da calçada.



Figura 15. Aspecto final da calçada e degrau da vala 17.

3.1.2. Vala 17

Aberta ao longo da fachada exterior da ala nascente, atravessando o pátio na transversal até à sondagem 04. A estratigrafia detectada mostrou uma zona muito revolvida, cujos sedimentos são compostos por muita pedra e material de construção associados possivelmente às obras do séc. XVII e XVIII.

A sua retirada, permitiu identificar uma estrutura muito fragilizada com orientação O-E, que encosta à parede da ala nascente. O alicerce e vala de construção do dormitório (século XVIII), e uma plataforma ou degrau de acesso a uma das suas portas. Do século XVII, parece ser a calçada composta por pedras de granito de pequena dimensão, cujo levantamento parcial revelou

um muro em alvenaria, com orientação N-S, do qual não conseguimos inferir concretamente a cronologia.

3.1.3. Vala 18

Aberta no pátio, com orientação S-N, entre a sondagem 04 e 05. Os estratos detectados correspondem a momentos de nivelamento e obras, sob os quais se observou o pavimento identificado na vala 27. Na faixa Sul, junto do arco de entrada no interior do edifício, foi identificada uma estrutura muito danificada, cuja funcionalidade não conseguimos decifrar.

3.1.4. Vala 19

Liga a sondagem 05 à 06, seguindo até à porta de acesso ao pátio interior. O espaço encontrava-se muito revolvido pela colocação de infra-estruturas de saneamento (século XX). Ao longo da vala foram detectadas várias estruturas arqueológicas. No primeiro troço, uma conduta em granito (século XX), que destruiu parcialmente um muro com orientação O-E, um pavimento contemporâneo deste, ao lado do qual foi identificada uma conduta em meia-cana.

No segundo troço, na direcção do pátio interior, foram identificados, parcialmente destruídos: um muro; um caneiro em granito com orientação O-E; e várias condutas em meia-cana sobrepostas. O que nos leva a crer que poderemos estar na proximidades das cozinhas e refeitório do convento do século XIX.



Figura 18. Pormenor das estruturas 25065 e 25049.



Figura 19. Plano final da vala 25.

um espaço muito revolvido pela colocação de infra-estruturas contemporâneas (canalização e saneamento) e construção da ala poente (século XX). Que destruíram uma estrutura, com orientação O-E poderá ter pertencido a uma parede divisória do refeitório e cozinhas.

3.2.2. Vala 29

Paralela à 27, a sua estratigrafia revelou depósitos muito revolvidos pela colocação do saneamento e vestígios do pavimento identificado na vala 27.



Figura 20. Aspecto final da vala 27.

3.2.3. Vala 30

Localiza-se na parte posterior do edifício entre a sondagem 12 e 13. A sua abertura revelou sob o pavimento de circulação do espaço, a sua camada de assentamento que cobre o afloramento rochoso.

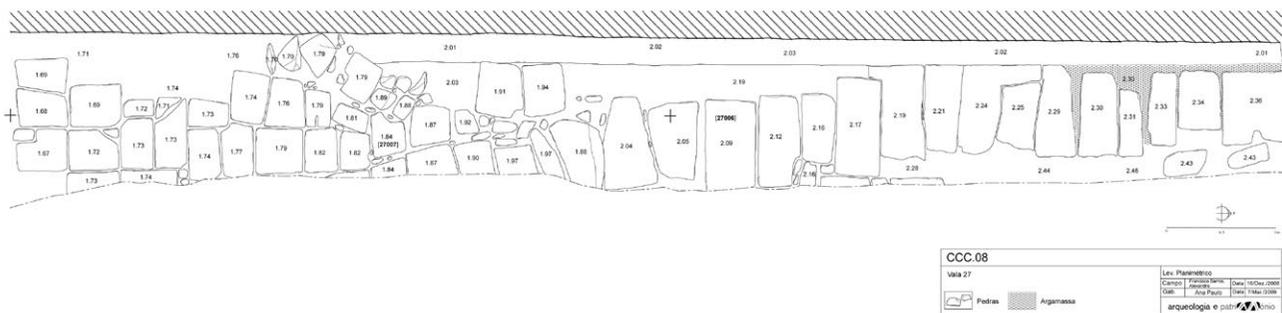


Figura 21. Plano Final da vala 27.

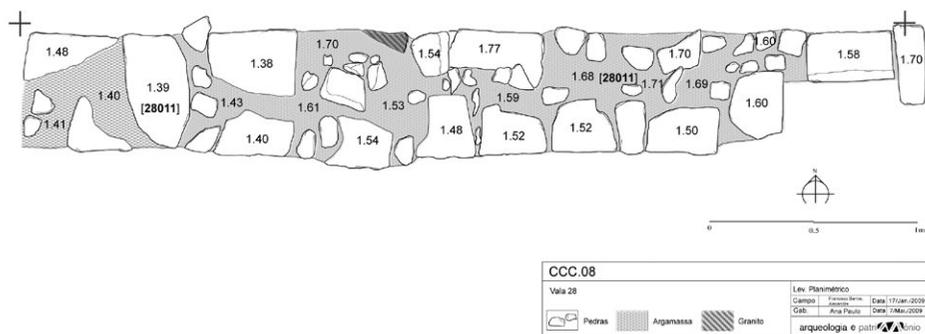


Figura 22. Plano final da estrutura 28011.

4. Sondagens arqueológicas na ala nascente

A ala nascente do edifício foi construída em 1726. No primeiro piso terá sido instalado um dormitório, no rés de chão 3 casas para as irmãs receberem visitas e um passadiço de ligação ao pomar. A fachada exterior parece manter a traça original, tendo o seu interior sofrido desde o século XIX, diversas alterações de adaptação às funcionalidades que o espaço desempenhou. Presentemente encontra-se dividido em diversos compartimentos.

Foi com base no projecto de recuperação/reconversão do edifício, que foram implantadas as 5 sondagens. A 40, 41 e 43 localizam-se na zona central do edifício, onde os trabalhos foram interrompidos sem que se tivesse atingido o afloramento rochoso, devido à subida das águas, provocadas pela proximidade do lençol freático. A 44 e 45 em dois compartimentos de pequenas dimensões.

4.1. Sondagem 40 e 41

A estratigrafia destas sondagens é muito semelhante. Na 40 e 41, implantadas respectivamente na faixa noroeste e sudoeste, foi identificado um pavimento de circulação composto por pedras de granito de dimensão irregular. Sob o qual se detectaram estratos associados à construção das paredes que dividem o espaço (parede sul em tijolo, século XX),

parede central (onde é possível observar três rodas de comunicação) e norte (século XIX ou XVIII). Construção da ala nascente (século XVIII) e depósitos de entulho para nivelamento do espaço, anteriores à edificação desta ala, repletos de despojos de uso doméstico.

4.2. Sondagem 42

A sondagem 42 situa-se num pequeno compartimento interior, na faixa sudoeste do dormitório, fronteiro à galilé. A sua implantação engloba a sul a parede da igreja, a Oeste a parede fronteira à galilé e a Norte a parede que delimita o compartimento.

Abaixo do pavimento actual de circulação, a estratigrafia revelou uma sucessão de depósitos e interfaces associados à construção das paredes que funcionam como limite do espaço (parede do dormitório, da Igreja e Galilé). Elementos reveladores do dinamismo construtivo operado no espaço conventual do século XVII ao XIX.

4.3. Sondagem 43

A sondagem 43 foi implantada junto da parede Norte e Este da ala nascente. A sua estratigrafia é composta por depósitos associados a obras no espaço, à construção da parede Norte (século XX) e Este do dormitório (1726). Foi igualmente detectada uma estrutura em granito possivelmente de apoio a obras. Os últimos depósitos identificados são idênticos aos níveis de entulho das sondagens 40 e 41.

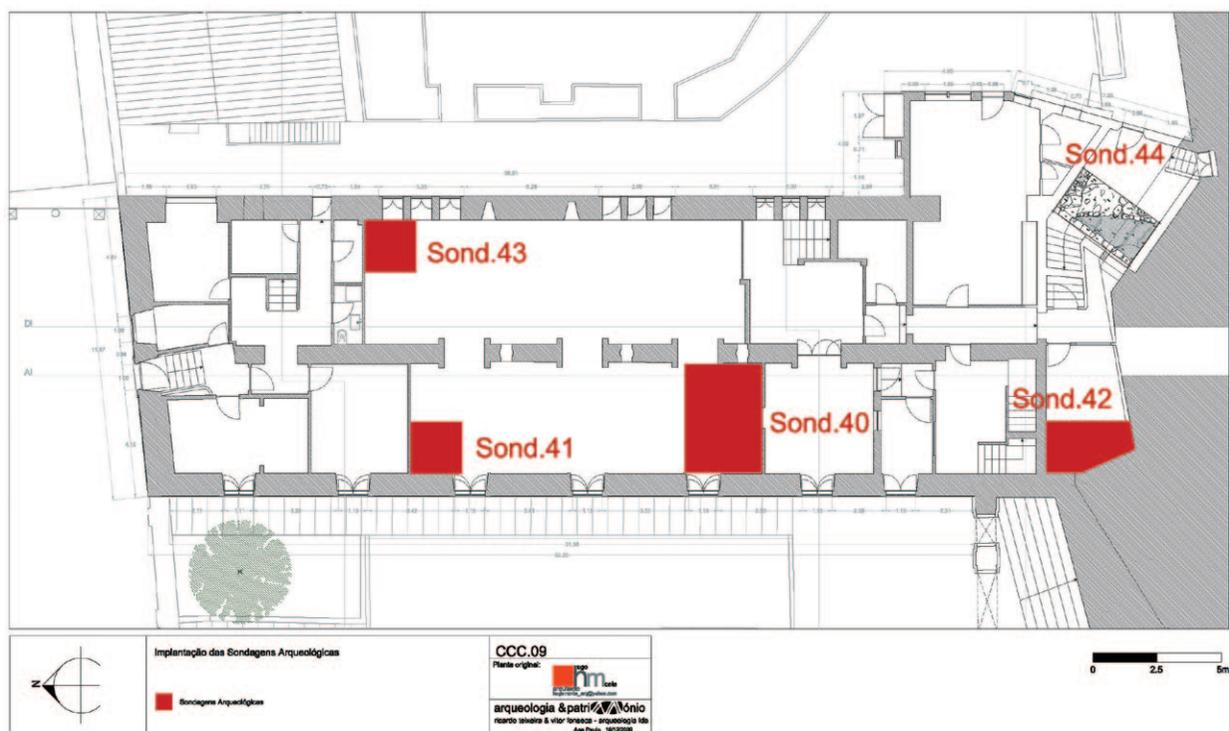


Figura 23. Planta com implantação das sondagens na ala nascente.



Figura 24 e 25. Plano final e aspecto geral da vala 44

4.4. Sondagem 44

A sondagem 44 localiza-se num pequeno compartimento na zona sul da ala. Os seus limites confrontam a Sudoeste com a parede da Igreja, a Noroeste e a Nordeste com as paredes que fecham o compartimento.

A estratigrafia observada é composta por depósitos associados a obras de reforma/alteração do espaço que conduziram à condenação de estruturas e construção de novas paredes. Os níveis mais antigos estão relacionados com a edificação da Igreja (1675) e anteriores a esta. Os trabalhos finalizaram com a detecção do afloramento rochoso tal como na sondagem 43.

No século XIX/XX, terão sido edificadas as paredes nordeste e noroeste do compartimento. O topo do alicerce da última parece formar um lajeado, que se prolonga para debaixo da escadaria de madeira de acesso ao piso superior e da soleira da porta de acesso ao compartimento.

A sua edificação terá conduzido à destruição das estruturas do século XVIII identificadas. Atravessando a sondagem no sentido SW-NO, foi detectado o alicerce da parede Este do dormitório, que encosta à parede da Igreja. Na faixa nordeste atravessando o espaço na

transversal, surge um segundo alinhamento que se prolonga para debaixo da escadaria, no qual a parede Noroeste assentou parcialmente.

5. Considerações finais

A pesquisa bibliográfica e os trabalhos arqueológicos efectuados permitiram-nos desvendar um pouco, da história e vivências do espaço dominicano ao longo de 6 séculos de existência. Edificado na zona ribeirinha de Gaia, do primitivo cenóbio, pouco se conhece, no edifício actual, conjugam-se construções do século XVII ao XX.

Os resultados, ainda que muito parcelares desvendaram-nos um local repleto de inúmeros vestígios de obras (demolições, construções, nivelamentos), que ao longo dos séculos transformaram o espaço original. Sucessivas construções se sucederam, sobre as quais nem sempre conseguimos inferir a funcionalidade.

No decurso dos trabalhos, recolhemos um interessante conjunto de espólio, nomeadamente cerâmicas, moedas, alfinetes e elementos arquitectónicos (cachorro, colunas e aduelas).

Com base na bibliografia e espólio recolhido balizamos cronologicamente, os achados arqueológicos entre o século XVII e XX.

6. Bibliografia

- CAMPO BELO, (1938) - O Mosteiro de Corpus Christi de Gaia. In separata do *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Vol. I. Porto.
- CASTRO, J. I. C. A. (1993) - *O Mosteiro de S. Domingos das Donas de Vila Nova de Gaia 1345-1514*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- FERREIRA-ALVES, J. J. (1984) - Algumas obras seiscentistas no Convento de Corpus Christi. In *Revista Gaya*, Vol. II, Vila Nova de Gaia, p.243-258.
- FERREIRA-ALVES, J. J. (1989) - Magalhães, Padre Pantaleão da Rocha de. In *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa.

GOMES, P. V. (2001) - *Arquitectura, Religião e Política em Portugal no séc. XVII - A Planta centralizada*. Porto.

RODRIGUES, L. F. F. (1998) - *O Mosteiro de Corpus Christi de Vila Nova de Gaia. Arquitectura, pintura e escultura num espaço dominicano feminino (1675 -1873)*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Cartografia

CARTA MILITAR DE PORTUGAL: Folha 102 (material cartográfico) Serviços Cartográficos de Exército. Escala 1:25000. Lisboa: S.C.E. 1990.

CARTA TOPOGRÁFICA DA CIDADE DO PORTO - Augusto G. Telles Ferreira. 1982

Documentos Electrónicos

CARVALHO, D.; BASTOS, S.; PEREIRA, F.; SANTOS, J. P. (2010). O Outro Lado do Douro. (Consult. 05 de Janeiro de 2011). Disponível em [www: http://ooutroladododouro.co.ec/wp-content/uploads/2010/10/vista-da-ribeira](http://ooutroladododouro.co.ec/wp-content/uploads/2010/10/vista-da-ribeira).